

Dr. Robert A. Peterson, Humanidade e Pecado,

Sessão 2, Imagens da Humanidade

© 2025 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 2, Imagens da Humanidade.

Bem-vindos de volta às nossas palestras sobre humanidade e pecado. Especificamente, ainda estamos buscando uma introdução à doutrina da antropologia, e estamos pensando agora em imagens da humanidade, a maioria das quais não são bíblicas, mas é valioso para nós entendermos como o mundo vê os seres humanos como uma máquina, número um. Uma dessas perspectivas é o que os humanos são capazes de fazer.

O empregador, por exemplo, está interessado na força e energia de um ser humano, bem como nas habilidades ou capacidades possuídas. Com base nisso, o empregador aluga o funcionário por um certo número de horas por dia. Os humanos às vezes são considerados máquinas, o que é particularmente evidente quando a automação resulta no deslocamento de um trabalhador de um emprego.

Um robô, sendo mais preciso e consistente, frequentemente executa o trabalho melhor. Além disso, requer menos atenção, não exige aumentos salariais e não perde tempo por causa de doenças. A principal preocupação daqueles que têm essa concepção de humanos será satisfazer as necessidades da pessoa ou máquina que a manterá funcionando efetivamente.

A saúde dos trabalhadores é de interesse, não por causa de possível sofrimento pessoal, mas em termos de eficiência de trabalho. Se o trabalho pode ser feito melhor por uma máquina ou pela introdução de técnicas mais avançadas, não haverá hesitação em adotar tais medidas. Pois o trabalho é o objetivo e a preocupação primários.

Além disso, o trabalhador recebe o mínimo necessário para realizar a tarefa. Business Week. A invasão de robôs começa a preocupar os trabalhadores.

Business Week, 29 de março. Já estamos em 1982. Essa visão também se infiltra na igreja até certo ponto.

As pessoas podem ser valorizadas de acordo com o que podem fazer. As igrejas podem frequentemente refletir isso em sua escolha de pastores, querendo alguém que possa desempenhar um determinado ministério, tarefa ministerial ou ministerial de forma eficaz e eficiente. Pode haver uma preocupação especial em alistar membros que possam realizar o trabalho da igreja.

Os potenciais convertidos podem ser vistos principalmente como unidades doadoras que podem ajudar a financiar os programas da igreja. Um pastor se referiu à visitação de idosos e reclusos, membros de sua congregação, como chamadas inúteis. Isso me deixa bravo porque essas pessoas não podem contribuir muito para o trabalho da igreja.

Que vergonha para tal pastor. Em todos esses casos, a concepção de um ser humano como uma máquina está presente. As pessoas são valorizadas pelo que podem fazer, em vez do que pode ser feito por elas, que é o que é o ministério.

Nessa abordagem, as pessoas são basicamente consideradas coisas, como meios para fins, em vez de fins em si mesmas. Elas são um valor, desde que sejam úteis. Elas podem ser movidas como peças de xadrez, como algumas grandes corporações fazem com seu pessoal de gestão, manipulando-as, se necessário, para realizar sua função pretendida.

Um animal é outra visão dos seres humanos. Outra visão vê que os humanos são primariamente membros do reino animal e derivam de algumas de suas formas superiores. Os humanos surgiram através do mesmo tipo de processo que todos os outros animais e terão um fim similar.

Não há diferença qualitativa entre humanos e outros animais. A única diferença é de grau, uma estrutura física um tanto diferente, mas não necessariamente superior, uma capacidade craniana maior, um mecanismo de resposta a estímulos mais altamente treinado. Essa visão da humanidade é talvez mais completamente desenvolvida na psicologia behaviorista.

Aqui, a motivação humana é entendida em termos de impulsos biológicos. O conhecimento dos humanos é obtido não por meio da introspecção, mas por meio de experimentação em animais. O comportamento humano pode ser afetado por processos semelhantes aos usados em animais.

Assim como o cão de Pavlov aprendeu a salivar quando um sino era tocado, os seres humanos também podem ser condicionados a reagir de certas maneiras. Reforço positivo, recompensas e reforço negativo menos desejável, punição, são os meios de controle e treinamento. Sobre psicologia behaviorista, veja por exemplo Paul Young, *Motivation of Behavior, the Fundamental Determinants of Human and Animal Activity*, 1936.

Um ser sexual, Sigmund Freud considerava a sexualidade como a chave para a natureza humana. Em um mundo em que o sexo não era discutido abertamente ou mesmo mencionado em sociedades educadas e na sociedade, Freud desenvolveu

toda uma teoria da personalidade em torno da sexualidade humana. Seu modelo de personalidade humana era tripartido.

Há o id, uma parte essencialmente amoral, nem moral nem imoral, um caldeirão fervente de impulsos e desejos. Derivado do id, o ego é o componente consciente da personalidade, a parte mais pública do indivíduo. Aqui, as forças que, a partir do id, modificam um pouco, buscam gratificação.

O superego é um censor ou controle dos impulsos e emoções da pessoa. A internalização da restrição e regulação parental, ou pelo menos a ereção das atividades da criança. A grande força motriz ou fonte de energia é a libido, uma força basicamente sexual que busca gratificação de qualquer maneira e lugar possível.

Basicamente, todo comportamento humano deve ser entendido como modificação e direção dessa energia sexual plástica. Essa energia pode ser sublimada em outros tipos de comportamento e direcionada para outros objetivos, mas ainda é o principal determinante da atividade humana. Sigmund Freud, *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*, 1933.

De acordo com a visão de Freud, desajustes sérios podem resultar da maneira como essa energia sexual é manipulada. Como o id impulsiona e se esforça por gratificação completa e desimpedida, uma situação que tornaria a sociedade impossível, a sociedade impõe limitações a essa luta por gratificação e à agressividade que frequentemente a acompanha. Essas limitações podem então produzir frustração.

Desajustes sérios também ocorrem quando o desenvolvimento sexual de uma pessoa é interrompido em um dos estágios iniciais do processo. Essas teorias de Freud se baseiam no conceito de que todo comportamento humano deriva basicamente da motivação e energia sexual. Embora o esquema teórico desenvolvido por Freud não tenha obtido amplo consentimento, felizmente, sua suposição básica é amplamente aceita.

De uma forma um tanto grosseira, a filosofia playboy assume que um humano é primariamente um ser sexual, e sexo é a experiência humana mais significativa. Grande parte da publicidade de hoje parece abraçar essa ideia também, quase como se nada pudesse ser vendido sem um tom sexual. A preocupação com sexo sugere que, na prática, a visão de que humanos são seres essencialmente sexuais é amplamente mantida em nossa sociedade.

Certa vez, ouvi uma palestra do notável estudioso do Antigo Testamento Tremper Longman sobre o Cântico dos Cânticos, e ele começou dizendo que, embora o mundo muitas vezes sexualize a vida excessivamente, às vezes os cristãos conservadores o fazem de forma insuficiente. E ele disse que este livro da Bíblia é principalmente sobre o relacionamento íntimo entre marido e mulher. E ele lidou

com isso, na verdade ele tem um comentário, um comentário acadêmico sobre o Cântico dos Cânticos também.

Enquanto o esquema teórico, ou apenas fez isso, desculpe-me, às vezes o cristianismo, com seus códigos éticos, e particularmente o cristianismo evangélico, é criticado por ser muito crítico em relação ao sexo. Joseph Fletcher estava entre aqueles que expressaram essa crítica. Joseph Fletcher escreveu *Moral Responsibility* em 1967.

Mas a ética cristã é indevidamente crítica ou está simplesmente dando uma resposta razoável ao papel excessivo do sexo em nossa sociedade? CS Lewis observou que uma parcela considerável da atividade dentro de nossa sociedade é baseada em uma preocupação desmedida com a sexualidade humana. E eu cito *Cristianismo Puro e Simples* de CS Lewis, "você pode reunir uma grande audiência para um ato de striptease, isto é, assistir a uma garota se despir no palco". Agora, suponha que você viesse a um país onde você poderia encher um teatro; ele faz esse ponto; ele está argumentando até o absurdo, mas é bom simplesmente trazer um prato coberto.

Desculpe, ele está me fazendo cócegas. Você vai a um país onde grandes multidões se reúnem simplesmente trazendo um prato coberto para o palco e levantando lentamente a tampa para que todos vejam, pouco antes das luzes se apagarem, que ele continha uma costeleta de carneiro ou um pedaço de bacon. Você não acharia que naquele país, algo deu errado com o apetite por comida? E alguém que cresceu em um mundo diferente não acharia que havia algo basicamente estranho nisso? E aqueles de outro período de tempo, um período de tempo passado, não achariam que havia algo estranho sobre o estado do instinto sexual entre nós? Fechar citação.

Um ser econômico. Outra visão é que as forças econômicas são o que realmente afetam e motivam o ser humano. Em certo sentido, essa visão é uma extensão da visão de que o humano é primariamente um membro do reino animal.

Ela se concentra na dimensão material da vida e suas necessidades. Alimentação, vestimenta e moradia adequadas são as necessidades mais significativas dos seres humanos. Quando as pessoas têm os recursos econômicos para fornecer isso em medida adequada para si mesmas e seus dependentes, elas estão satisfeitas ou, assim, atingiram seu destino.

A ideologia que desenvolveu mais completa e consistentemente esse entendimento da humanidade é, claro, o comunismo, ou materialismo dialético, como é mais precisamente rotulado. Essa ideologia vê as forças econômicas movendo a história por estágios progressivos. Primeiro veio a escravidão.

Nesta fase, os senhores da sociedade possuem toda a riqueza, o que inclui outros seres humanos. Então veio o feudalismo, onde a relação senhor-servo era o modelo.

Então veio o capitalismo, onde a classe dominante possuía os meios de produção e contratava outros para trabalhar para eles.

No capitalismo liberal, ainda há propriedade privada das fazendas e fábricas, mas o governo impõe certas limitações aos proprietários, tornando assim a posição de barganha do trabalhador mais fácil. Eventualmente, chegará o momento em que não haverá propriedade privada dos meios de produção, de acordo com a ideologia comunista. Eles serão de propriedade inteiramente do estado.

A lacuna econômica entre as classes desaparecerá e, com ela, haverá conflito entre elas. Nesta sociedade sem classes, o mal murchará. Fale sobre ouro de tolo.

Caramba. Nos estágios finais da dialética, o lema do comunismo será realizado, citação, de cada um de acordo com suas habilidades para cada um de acordo com suas necessidades, citação próxima. Caramba.

Eu rio, ou eu choro. Forças materiais e econômicas terão conduzido a história ao seu objetivo final. As raízes disso, é claro, são os escritos de Karl Marx.

Se o materialismo dialético é a formulação mais completa dessa filosofia, não é a única. A propósito, O Capital 1936 de Karl Marx é uma ótima fonte de informação. Em um nível popular, o conceito de que os humanos são motivados principalmente por forças econômicas parece ser a filosofia de uma grande porcentagem de políticos americanos e, infelizmente, pode estar correto.

Presumivelmente, eles refletem o que suas pesquisas dizem que são as preocupações reais da maioria de seus eleitores. Essas forças econômicas estão em ação influenciando questões como tendências populacionais e outras. Considere como exemplo que não é principalmente o clima, pelo menos não diretamente, que influencia onde a maioria das pessoas vive.

Em vez disso, são recursos, a disponibilidade de empregos, um peão do universo. Entre certos existencialistas, particularmente, mas também em um segmento mais amplo da sociedade, encontramos a ideia de que os humanos estão à mercê de forças no mundo que controlam seu destino, mas não têm nenhuma preocupação real com eles. Eles são vistos como forças cegas, forças do acaso em muitos casos.

Com licença. Às vezes, elas são vistas como forças pessoais. Mas mesmo assim, são forças sobre as quais os indivíduos não têm influência, como superpoderes políticos.

Esta é basicamente uma visão pessimista que retrata as pessoas como sendo esmagadas por um mundo que é hostil ou, na melhor das hipóteses, indiferente ao seu bem-estar e necessidades. O resultado é uma sensação de desamparo, de

futilidade. Bertrand Russell expressa eloquentemente esse sentimento de, entre aspas, desespero inflexível.

E eu o cito. E como Erickson o cita de seu escrito, *Mysticism, and Logic*, 1929, citação, que o homem é o produto de causas que não têm provisão do fim que estavam alcançando, que sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e suas crenças são apenas o resultado de colocações acidentais de átomos, que nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar uma vida individual além do tumulto, que todos os trabalhos das eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilho do meio-dia do gênio humano são projetados para a extinção na vasta morte do sistema solar, e todo o templo da realização do homem deve inevitavelmente ser enterrado sob os escombros de um universo em ruínas. Todas essas coisas, se não completamente além da disputa, são ainda tão quase certas que nenhuma filosofia que as rejeita pode esperar permanecer.

Somente dentro do andaime dessas verdades, somente na firme fundação do desespero inflexível, a habitação da alma pode doravante ser construída com segurança. A crença no impotente é a vida do homem. Sobre ele e toda a sua raça, a condenação lenta e segura cai implacável e sombria.

Cego ao bem e ao mal, imprudente à destruição, a matéria onipotente rola em seu caminho implacável. Para o homem condenado hoje a perder seu mais querido, amanhã ele mesmo a passar pelos portões da escuridão, resta apenas acalentar, antes que o golpe caia, os pensamentos elevados que enobrecem seu pequeno dia. Orgulhosamente desafiador das forças irresistíveis que toleram por um momento seu conhecimento e sua condenação, para sustentar sozinho um atlas cansado, mas inflexível, o mundo que seus próprios ideais moldaram, apesar da marcha atropeladora do poder inconsciente." Eca.

Rapaz, precisamos estudar as últimas coisas e a esperança que Cristo traz ao seu povo. Isso é desesperança. Isso é suicídio esperando para acontecer.

O existencialista Jean-Paul Sartre desenvolveu esse tema de absurdo e desespero em vários de seus escritos. Um deles, *The Wall*, conta a história de um membro de um grupo revolucionário que foi capturado. Ele deve ser executado a menos que revele o paradeiro do líder do grupo Gries, GRIES.

Ele sabe que a Grécia está escondida em um porão, mas está determinado a não revelar essa informação. Enquanto aguarda sua morte, ele reflete sobre a vida, sua namorada e seus valores. Ele conclui que realmente não se importa se vive ou morre.

Finalmente, como uma piada, ele conta aos guardas que Grécia está se escondendo no cemitério. Eles saem para procurá-lo. Quando retornam, o herói está livre.

Pois, sem que ele soubesse, Grécia havia deixado seu esconderijo para ir ao cemitério e havia sido capturada lá. A vida do herói, uma vida que ele não quer mais, foi poupada por causa de uma reviravolta irônica do destino. Jean-Paul Sartre, *The Wall in Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, editado por Walter Kaufman, um famoso e brilhante filósofo ateu de Harvard, 1956.

Albert Camus também capturou essa ideia geral em sua reformulação do mito clássico de Sísifo. Este é um trava-línguas. Sísifo morreu e foi para o submundo.

Ele, no entanto, foi enviado de volta à Terra. Quando chamado de volta ao submundo, ele se recusou a retornar, pois ele desfrutava completamente dos prazeres da vida. Como punição, ele foi trazido de volta e sentenciado a empurrar uma grande pedra até o topo de uma colina.

Quando ele chegou lá, no entanto, ela rolou de volta para baixo. Ele caminhou penosamente até o sopé da colina e novamente empurrou a pedra para o topo, apenas para vê-la rolar de volta para baixo. Ele estava condenado a repetir esse processo infinitamente.

Apesar de todos os seus esforços, não houve resultado permanente. Albert Camus, o mito de Sísifo, está naquele mesmo livro, *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. Rapaz, que leitura emocionante.

Ah, meu Deus. Seja imerso em pensamentos temerosos sobre a morte, a iminente extinção natural do planeta, ou destruição nuclear, ou meramente na luta contra aqueles que controlam o poder político e econômico, todos aqueles que consideram um ser humano como basicamente um peão à mercê do universo são tomados por um senso similar de desamparo e resignação. Sério.

Um ser livre. A abordagem que enfatiza a liberdade humana vê a vontade humana como a essência da personalidade. Essa abordagem básica é frequentemente evidente em visões políticas e sociais conservadoras.

Aqui, a liberdade de restrição é a questão mais importante, pois permite que os humanos realizem sua natureza essencial. O papel do governo é simplesmente garantir um ambiente estável no qual tal liberdade possa ser exercida. Além disso, uma abordagem laissez-faire deve ser seguida.

Regulamentação excessiva deve ser evitada, assim como o paternalismo, que provê todas as necessidades de alguém e exclui a possibilidade de fracasso. Fracasso com liberdade é melhor do que segurança da carência, mas sem escolha real. Milton e Rose Friedman, *Free to Choose, a Personal Statement*, 1980.

De acordo com aqueles que defendem essa visão, as necessidades humanas básicas são informações que permitirão uma escolha inteligente. Em termos dos três requisitos para a ação, saber o que deve ser feito, disposição para saber, disposição para fazer o que sabe que deve ser feito e a capacidade de fazer o que se deseja fazer, o único problema real está no primeiro fator. Pela primeira vez, tem-se informação suficiente para fazer uma escolha inteligente sobre o que deve ser feito, o que, é claro, leva em conta objetivos e habilidades pessoais; não há nada interno, nem desde que o governo garanta um ambiente adequado, externo, para impedir que essa pessoa tome essa ação.

Essa visão sustenta que os humanos têm a capacidade de escolher e que devem fazê-lo. Para ser totalmente humano, é preciso aceitar a responsabilidade da autodeterminação. Todas as tentativas de negar a responsabilidade por si mesmo são impróprias.

Uma desculpa comum é o condicionamento genético. “Não consigo controlar meu comportamento, está nos meus genes, herdei do meu pai, citação próxima. Outra é o condicionamento psicológico. Fui criado assim, não consigo evitar ser do jeito que sou.” Ou condicionamento social; conforme cresci, não tive chance; não havia oportunidade de obter educação, citação próxima. Todas essas desculpas são exemplos do que o existencialismo chama de existência inautêntica, falta de vontade de aceitar a responsabilidade por si mesmo.

Essa falha em exercer a liberdade de alguém é uma negação da dimensão fundamental da natureza humana e, portanto, uma negação da humanidade de alguém. Da mesma forma, qualquer esforço para privar os outros de sua livre escolha é errado, seja por meio da escravidão, de um governo totalitário, de uma democracia excessivamente reguladora ou de um estilo social manipulador. O poema de William Ernest Henley, *Invictus*, incorpora poderosamente essa filosofia de que um humano é, em essência, um ser livre.

“Da noite que me cobre, negra como o abismo de polo a polo, agradeço a quaisquer deuses que possam existir por minha alma inconquistável. Não importa quão reto seja o portão, quão carregado de punições seja o pergaminho, eu sou o mestre do meu destino, eu sou o capitão da minha alma.” A perspectiva social final é que um ser humano individual é fundamentalmente um membro da sociedade.

A filiação e a interação com um grupo de pessoas é o que realmente distingue a humanidade. Alguém que não interage com outros seres sociais é menos que totalmente humano. Há um sentido em que alguém não é verdadeiramente humano a menos que esteja funcionando dentro de um grupo social, não cumprindo o fim humano ou telos.

Essa visão às vezes inclui a ideia de que os seres humanos não têm realmente uma natureza. A pessoa é um conjunto de relacionamentos nos quais ele ou ela está envolvido. Ou seja, a essência da humanidade não está em alguma substância ou natureza fixa definível, mas sim nos relacionamentos e na rede de conexões que alguém tem com os outros.

Por meio do fomento desses relacionamentos, o indivíduo pode se tornar completamente humano. A igreja pode ajudar uma pessoa a realizar seu destino ao fornecer e encorajar relacionamentos sociais positivos e construtivos. Isso é verdade, e ainda assim não é isso que a essência humana, a essência da natureza humana, é.

Assim, concluímos esta palestra com a visão cristã da humanidade. Vimos uma variedade de concepções da natureza da humanidade, nenhuma delas satisfatória como uma visão pela qual viver. Algumas, como a visão do humano como um animal, podem servir bem o suficiente como uma teoria abstrata, mas mesmo o biólogo não pensa em seu filho recém-nascido como simplesmente outro mamífero.

As visões de outros falham porque mesmo quando o que, da perspectiva deles, são as necessidades humanas fundamentais, por exemplo, necessidades econômicas ou sexuais, são atendidas, ainda há uma sensação de vazio e insatisfação. Algumas visões, como a ideia mecanicista, são despersonalizantes e, portanto, frustrantes. Pode-se considerar essas como compreensões satisfatórias da humanidade apenas desconsiderando aspectos da experiência pessoal.

A visão cristã, por outro lado, é uma alternativa compatível com todas as nossas experiências. A visão cristã da humanidade é que um ser humano é uma criatura de Deus, a ser entendida como tendo se originado não por meio de um processo casual de evolução, mas por meio de um ato consciente e proposital de Deus. A razão da existência humana está na intenção do ser supremo.

Eu deveria ter mencionado a bibliografia para o humano como uma criatura social, Thomas Oden, *The Intensive Group Experience*, 1972. Tom Oden é famoso por sua conversão ao cristianismo evangélico e uma mente muito brilhante dedicada a assuntos liberais e preocupações com escritos muito bons, tornou-se uma mente muito brilhante dedicada à bíblica, embora de uma perspectiva metodista evangélica, as preocupações bíblicas e cristãs conservadoras que fizeram muito bem a muitas pessoas. Ele escolheu o nome para seu projeto em vez de Neo-Ortodoxia, ele chamou sua Paleo-Ortodoxia, com a intenção de não inventar nada novo, mas de se deleitar com os ensinamentos dos pais, medievais, reformadores e puritanos e assim por diante.

Segundo, a respeito da visão cristã da humanidade, a imagem de Deus é intrínseca e indispensável à humanidade. Embora exploremos isso em uma palestra futura, agora observamos que, seja lá o que for que diferencie os humanos do resto da criação,

eles sozinhos são capazes de ter um relacionamento consciente e pessoal com o Criador e de responder a Ele, conhecendo Deus, entendendo o que Ele deseja deles, amando, adorando, servindo ao seu Criador e encontrando seu propósito e grande deleite nesses fins. Essas respostas cumprem mais completamente a intenção do Criador para os seres humanos.

O humano também tem uma dimensão eterna. O ponto finito do começo no tempo foi a criação por um Deus eterno, que deu aos humanos um futuro eterno. Assim, quando perguntamos o que é bom para os humanos, não devemos perguntar apenas em termos de bem-estar temporal ou conforto físico, mas também outra dimensão, e em muitos sentidos, mais importante, que deve ser cumprida.

não fazemos nenhum favor aos humanos quando os protegemos de pensar sobre as questões do destino eterno. No entanto, os humanos, com certeza, como parte da criação física e do reino animal, têm as mesmas necessidades que outros membros desses grupos. Nosso bem-estar físico é importante.

Também somos seres unificados. Assim, a dor ou a fome afetam nossa capacidade de focar na vida espiritual. E somos seres sociais, colocados dentro da sociedade para funcionar em relacionamentos.

Precisamos dos outros, e eles precisam de nós. Não podemos descobrir nosso real significado considerando a nós mesmos e nossa própria felicidade como o mais alto de todos os valores, nem encontrar felicidade, realização ou satisfação buscando-a diretamente. Ironicamente, isso é verdade.

Nosso valor nos foi conferido por uma fonte superior, e somos realizados somente quando servimos e amamos esse ser superior, o Senhor Deus Todo-Poderoso. É então que a satisfação vem como um subproduto do comprometimento com Deus. Santo Agostinho, estou tentando lembrar sua terminologia, distinguindo -a, deleitando-me nela e usando-a.

E ele disse que não usamos Deus. Nós nos deleitamos em Deus. E se fizermos isso, então usamos todas as coisas que ele nos deu, incluindo nossas habilidades e as características do nosso mundo, para nos deleitarmos nele.

Mas tentar usar Deus é idolatria, e é um total mal-entendido de quem ele é e quem somos aos seus olhos. É então que percebemos a verdade da declaração de Jesus, citação, pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á. Mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, salvá-la-á.

Marcos 8:35. Muitas das perguntas feitas direta ou implicitamente pela cultura contemporânea são respondidas pela visão cristã da humanidade. Além disso, essa visão dá ao indivíduo um senso de identidade.

A imagem de um humano como uma máquina leva à sensação de que somos engrenagens insignificantes, despercebidas e sem importância. A Bíblia, no entanto, indica que todos são valiosos e são conhecidos por Deus. Cada fio de cabelo da nossa cabeça é contado.

Mateus 10:28 a 31. Jesus conferiu grande significado e valor aos seres humanos. Não temam aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma.

Em vez disso, temei aquele que pode destruir tanto a alma quanto o corpo no inferno. Uma referência não ao diabo, mas ao próprio Deus. Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá no chão, exceto seu pai.

Mas até os cabelos da vossa cabeça estão contados. Somos valiosos para Deus. Não temais. Portanto, sois de mais valor do que muitos pardais.

Linda retórica da boca do nosso Senhor. Jesus falou do pastor que, embora tivesse 99 ovelhas seguras no aprisco, foi e procurou a que estava perdida. Lucas 15:3 a 7. Então, Jesus lhes contou esta parábola: qual dentre vós, tendo cem ovelhas, se perde uma delas, não deixa as 99 no campo, nem mesmo um curral, e vai atrás daquela que se perdeu até encontrá-la.

Quando a encontra, coloca-a sobre os ombros, regozijando-se. E, chegando em casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrem-se comigo, pois já achei a minha ovelha perdida. Assim vos digo que haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 justos que não necessitam de arrependimento.

Alegria no céu, sim, alegria pelo próprio Deus. Somos de grande valor para nosso criador, nosso sustentador e nosso redentor que tem a consumação como seu objetivo para a história e para as vidas de seu povo. Cada ser humano é considerado por Deus como a ovelha perdida, se você preferir.

Estamos argumentando aqui que a visão cristã dos humanos é mais pertinente a eles do que qualquer visão concorrente. Essa imagem da humanidade é responsável por toda a gama de fenômenos humanos de forma mais completa e com menos distorção do que qualquer outra visão. Essa visão, mais do que qualquer outra abordagem da vida, nos permite funcionar de maneiras que são profundamente satisfatórias a longo prazo.

Vou fechar esta seção de nossas notas sobre Introdução à Humanidade com o Salmo 8, que é tão lindo. É um salmo da criação. Ele celebra o posicionamento abençoado de Adão e Eva no mundo de Deus.

Mas não nos esqueçamos dos suportes de livros, da inclusão que envolve a declaração de significância, valor e papel humanos. Oh Senhor, nosso Senhor, quão majestoso é o seu nome em toda a terra. Sim, é um salmo da criação.

Mas antes de tudo, é um salmo que dá glória a Deus por sua criatura mais elevada, Adão e Eva, e a raça humana que veio deles. Você colocou sua glória acima dos céus. Isso é terrivelmente alto.

Das bocas de bebês e crianças, você estabeleceu força por causa de seus inimigos para acalmar o inimigo e o vingador. Deus vai macro. Sua glória está acima dos céus.

Então ele vai para o micro. Bebês pequenos o glorificam pelos guinchos e barulhos que eles fazem. Macro de novo.

Quando olho para os teus céus, a obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que colocaste no lugar. Micro outra vez. O que é o homem de quem estás consciente, e o que é o filho do homem em paralelo com um homem de quem te importas?

No entanto, você o fez um pouco menor do que os seres celestiais e o coroou com glória e honra. Nosso criador fez nossos primeiros pais e nós, por extensão, coroados com glória e honra à sua imagem, como ele em maneiras importantes. Eles não foram feitos apenas capazes de conhecer a Deus.

Eles foram feitos conhecedores de Deus. Tu lhe deste seres humanos como criados domínio sobre as obras das tuas mãos. Tu puseste todas as coisas debaixo dos seus pés, todas as ovelhas e bois, e também os animais do campo, as aves dos céus, e os peixes do mar, tudo o que passa ao longo das veredas dos mares.

O Salmo oito termina como começa. Oh Senhor, nosso Senhor, quão majestoso é o teu nome em toda a terra? O que é o humano? Sim, essa é a pergunta mais importante para a qual a revelação bíblica dá a melhor resposta. É para isso que definiremos e voltaremos nossa atenção na próxima vez, ao considerarmos a doutrina da humanidade especificamente.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 2, Imagens da Humanidade.